



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

Para a professora B (APAE)³ foi “que o nosso corpo fala independente de qual o grau de movimento”. Essa resposta remete à Gonçalves (1994), quando discute que o corpo-sujeito ao se movimentar⁴, está em constante relação com o mundo, no qual todo movimento tem seu significado próprio a cada instante em que surge, estabelecendo um novo diálogo pessoal e próprio do homem com o mundo. Nisso também se aproxima a ideia da professora B (CAPP) quando afirma: “que este foi o momento em que pude experimentar o meu próprio corpo e perceber as tantas possibilidades que no dia a dia passa despercebido, consegui expor minhas possibilidades”, ou ainda, quando afirmam que esse momento possibilitou “ver que cada pessoa tem um jeito de se expressar e interagir com o outro. Que cada um tem possibilidades diferentes para movimentar o corpo, de descobrir novas maneiras” (professora. E – CAPP).

Estas respostas ajudam a entender que é pelo corpo que estabelecemos relações, que dialogamos com os outros, que nos constituímos como seres humanos; sujeitos com necessidades singulares e subjetivas. Também, conforme aprendemos com Merleau-Ponty (1999), é pelo ser corpo que elaboramos um viver com sentido e significado de ser e estar no mundo e, é por sermos corpos sujeitos, que atuamos para/na (trans)formação da vida, da nossa existência. Assim, é pelo corpo que nos compreendemos e nos constituímos sujeitos em/no movimento da vida. Pelo corpo somos, estamos e interagimos.

Através das experiências e vivências de movimento, há uma busca de “atenuar-se na insistência de quem sabe que tem e sente um corpo. Apesar de cada sensação, percepção ser subjetiva ao ser, torna-se objetiva no momento de sentir” (ROCHA, 2008, p. 66).

Ter um corpo é de uma singularidade impressionante. O corpo pode lembrar ou ser muito parecido com o de alguém ou de outros, mas nunca é igual, até porque sua instância básica na dimensão espacial e temporal, da presença do aqui e agora, é moldada e atualizada a todo o momento. Ter consciência (capacidade de saber) e emoção (capacidade de sentir) também é singular, pelas mesmas razões já citadas. Especificamente na prática da conscientização do movimento tratamos de um corpo que sabe que sente, sabe que existe e sabe que sabe que existe e sente (TEIXEIRA, 2003, p. 73).

Em suas respostas alguns professores fizeram menção à ideia acima, como escreve a professora E (ADEVOSC): “o mais significativo foi a questão de nos descobirmos como sujeitos, como um corpo que fala, que se expressa, e de que não há barreiras, limites para o corpo dançar”. Ou ainda, que “esse primeiro momento serviu para desmistificar o conceito de dança, vindo-a a partir deste momento como possibilidade de todos os corpos” (professora X – APAE). Nessa perspectiva, podemos pensar que a dança se configura enquanto manifestação humana possível de

³ Todas as falas serão trazidas desta forma: uma letra para identificar a professora e o nome da instituição à qual está vinculada.

⁴ Expressão cunhada por Elenor Kunz, ao se referir que o mais importante é perceber o “sujeito que se movimenta” e não, primordialmente, o movimento do sujeito. Na dança, essa ideia se traduz em valorizar o sujeito, sua singularidade, sua condição corporal (que é única) em movimento e não uma forma do movimento pré-determinada.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

3 HQVDQGR D (GXFDomR)tVLF-~~Escola~~Respostas na R
FRQVWLWXLo mR GH VDEHUHVμ

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

Nosso entendimento do belo remete às ideias de Schiller, discutidas por Saraiva (2012), assim, “beleza não é algo que se configura numa forma (*Gestalt*) qualquer, e somente a sensibilidade humana pode experienciar essa forma e fazê-la viva em nosso entendimento; o que é sentido e entendido como belo será beleza” (p. 19).

Por isso entendemos ser importante a vivência de situações que remetem a sentir, pensar e agir de diferentes formas, ampliando as sensações corporais e permitindo construir novos olhares sobre nós mesmos, sobre nossas limitações e potencialidades. Apresentando a intrínseca relação entre corpo e sensibilidade Galeffi (2007) argumenta que “sem corpo não há sensibilidade, sem sensibilidade não há corpo. Toda sensibilidade, assim, é corpo vivente: *modo de ser do que é em seu acontecimento anímico*. A sensibilidade é o sentido do corpo. Tudo o que vive é sensível de múltiplas maneiras” (p. 98).

Foi um dos objetivos perceber como os professores se sentiram ao vivenciar as situações de limitações corporais, para isso questionamos: como foi passar por essa experiência? Algumas das respostas dadas pelos professores remetem à experiência singular de se colocar no lugar do outro: “foi muito gratificante, única, pois, temos dificuldade em nos colocar no lugar do outro (professora K – APAE); “Quando você vê é uma realidade, se colocar no lugar do outro é bem diferente” (professora A – APAE); “Foi um exercício de empatia e respeito a diversidade” (professora S – APAE); “Neste momento senti mais dificuldade ou desconfortável, pois, tentar pensar ou agir como o outro não é uma tarefa fácil, expressa-lá é ainda mais” (professora V – APAE); “Foi muito importante para saber como o outro é importante na nossa formação do ser humano, do diferente (professora F – APAE); “Se colocar no lugar do outro é fundamental, principalmente para compreendermos que cada sujeito tem sua particularidade, com muitas possibilidades e habilidades (professora D – ADEVOSC);

Essas respostas contribuem para pensar que poucas vezes, nas ações cotidianas, paramos para “estranhar” ou apreciar aquilo e aqueles que fazem parte da nossa rotina. O que percebemos é que a necessidade de produção exigida pelo mundo contemporâneo afeta também nossas relações pedagógicas e pessoais. Há urgência em tudo, estamos sempre com a sensação de que muitas coisas ainda estão para serem resolvidas. Nisso, a urgência para as coisas solapam nossa urgência para as pessoas, para o tempo de contemplação ao sujeito outro, tempo este, que nos possibilitaria aprender com/o outro e a admirar suas singularidades.

Outras respostas deram indicativos de que a dança foi compreendida para além do simples gesto motor. Ela implica o corpo como totalidade, presente no instante da dança. Nesse sentido, a professora M (APAE) relata que neste momento “foi interessante perceber que pequenos gestos, olhares, representam expressões que se transformam em movimentos da dança” (professora M – APAE); Também para professora B (APAE) “a dança ocorre dentro de cada ser dançante independente da limitação do físico. A empatia ocorre devido à sensibilização que ocorre no momento da troca, sempre nos superamos e contribuímos com os outros” (professora B – APAE);

Por fim, alguns relatos sugeriram que a experiência ofereceu oportunidades de redescobrir-se, implicando numa atitude diferente com relação a pensar e perceber o outro. Para a profesora E (ADEVOSC), a experiência “foi bem marcante, pois, foi algo que nos fez pensar e agir como se

estivéssemos no lugar do outro, fazendo-nos entender que nem sempre tudo o que é fácil para mim será para o outro. Cada corpo é um corpo que possui suas particularidades”. Para professora B (ADEVOSC) “foi um momento rico, porque vivenciar estes limites nos fez pensar e viver mesmo que por alguns momentos como é o dia a dia do outro, ao mesmo tempo descobrindo as possibilidades nas limitações/restrições”.

De modo geral, as respostas deram indicativos de que a experiência provocou estranhamentos e sensações nem sempre confortáveis, mas profundamente enriquecedoras, como expressa a professora G (ADEVOSC), para a qual a vivência “provocou pensar em nossas ações”. Isso permite concluir aquilo que Almeida (*apud* Kleinubing, 2008, p. 94), pontuou: “a cada nova experiência o corpo se remodela, possibilitando novas percepções de mundo [...] todo novo corpo é um novo sujeito no mundo”. Ou, ainda, podemos concordar com Marcuse (*apud* Saraiva, 2012) quando afirma que a arte, neste caso a arte da dança, “não pode mudar o mundo, mas pode contribuir para a mudança da consciência e impulsos dos homens e mulheres, que poderiam mudar o mundo” (p. 30).

Estas reflexões nos levam ao encontro da dança como possibilidade para/de todos os corpos e ela se basta na sua materialização singular e sensível do corpo-sujeito que a sente, que a vive, criando a partir desta experiência novas perspectivas de (re)conhecimento da beleza do outro corpo, independente da sua condição corporal.

3º Encontro: dançando com a diversidade

A dança como possibilidades de todos os corpos se sustenta na singularidade e sensibilidade de cada corpo-sujeito que dança. No entanto, para quem dança buscando um padrão de corpo perfeito, o ato de dançar, ainda, se sustenta na padronização de movimento e de corpo, o que nega a possibilidade de ser corpo dançante na sua singularidade e na maneira de ser e estar no mundo. Porém para quem dança enquanto corpo-sujeito que é esta experiência se torna um ato sensível e significativo.

Buscamos no terceiro encontro experimentar as possibilidades coreográficas a partir dos elementos da criatividade, sensibilidade e expressividade. As vivências anteriores deram suporte para esta nova etapa do processo. É o momento de realizar encontros com ideias, sensações, movimentos e os outros corpos. Nossa intenção foi identificar como os participantes se sentiram no processo de pensar, sentir, fazer dança.

Para a professora S (APAE) “a sensação foi de que todos nós somos criativos, iguais e diferentes, isto é: a beleza da dança”. Ainda, o sentimento para a professora D (ADEVOSC) é de ter capacidade “criadora de uma coreografia que tinha significado para mim”; e que isso permitiu aos participantes perceber que “todos tem possibilidade de criar, de dançar” (Professora G – ADEVOSC); “Basta nos permitir” (professora B – CAPP).

Merleau-Ponty (1999), argumentou que toda a experiência é fonte de conhecimento e possibilita novo olhar para o fenômeno, sendo esse novo olhar através do meu corpo singular e do que eu construo com ele.

As experiências de nosso corpo construirão a nossa existência, darão significados a nossos projetos e ao conjunto de processos vividos. Experiências de um corpo pensamento, de um corpo arte, de um corpo que dança. De um corpo singular e universal, por consequência de suas experiências e de seus projetos (ROSA, 2008, p. 67).

Podemos compreender a dança como um fenômeno que, corporalmente manifestado, incumbe ao corpo a mediação entre o ser e o mundo numa totalidade vivida. Para Saraiva-Kunz (2003, p. 92) “[...] a dança é um fenômeno criado cuja presença vivida é uma *experiência* que faz emergir a reelaboração capaz de nos estimular muitas outras questões vitais para uma *nova experiência*”. Nisso, a resposta da professora K (APAE) indica que o ato de dançar lhe faz sentir-se “criando, pensando e vivendo”, possibilitando que esse corpo dançante se sinta, como indica a professora J (APAE) “realizado com capacidade de experimentar novos desafios, principalmente pensando em nossos alunos”.

Como fala Nóbrega (*apud* Gaio e Góis, 2006, p. 18),

A dança deriva da corporeidade do dançarino. A lógica da dança, sua configuração, encontra-se na interpretação/criação de movimentos. Para compreendê-la é preciso dançar, pois trata-se de um conhecimento vivencial, envolvendo o corpo, os movimentos e a percepção. A dança está diretamente vinculada ao corpo, sua linguagem é configurada pelo movimento, criando um vocabulário próprio de gestos significativos.

A dança é uma linguagem corporal de um texto cultural que permite ao corpo-sujeito expressar sentimentos e sensações através do se-movimentar intencional, expressivo e singular, possibilitando ao corpo-sujeito que a experiência sentir-se “mais valorizada e importante: eu também posso dançar!”, como afirma a professora D (CAPP). Nesse sentido, conforme aponta Saraiva-Kunz (2003, p. 126), “a dança configura um diálogo da pessoa com seu mundo, um diálogo onde se investe a expressão do mundo vivido”.

Também encontramos em Pellegrin, (2011, p. 30), a reflexão de que a dança,

É uma linguagem artística, é arte, tomada como um campo mais amplo, é uma das formas que o ser humano criou para se relacionar com o mundo: para entender o mundo, para questionar o mundo, para produzir respostas para muitas questões, para criar novos sentidos, novas formas de ser e fazer, para relacionar-se com os outros seres humanos.

Corroborando com esta ideia, Gaio e Góis (2006) argumentam que todo corpo pode dançar, quando acreditamos que a dança existe como uma expressão própria do ser humano e que esse ser humano de forma individual ou em grupo por meio de movimentos não-verbal expressa suas ideias com objetivos de denuncia ou libertação de algo. Segundo as autoras “a dança pode ser linguagem, para construção de uma nova cultura, de uma nova sociedade, de um novo mundo” (p. 19).



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

Acreditamos que a dança abre caminhos para a (re)elaboração e (re)leituras de mundo através das relações que ela nos permite compor com o espaço, o tempo e os outros corpos, difundindo a ideia de que o que nos enriquece, enquanto seres humanos, é a diversidade de situações e de sujeitos com os quais nos encontramos ao longo da vida, ou ainda, com a diversidade de corpos e de danças.

Reflexões finais: em cena o movimento, corpo, a dança e o respeito à diferença

Acreditamos que a dança possibilita outra forma de ser e estar no mundo, provocando uma ampliação na/da vivência do corpo em movimento em suas variadas formas e significações, contudo alicerçado pela capacidade expressiva e intencional de movimento.

A relação de cada pessoa com a dança é algo diferenciada conforme sua vivência subjectiva e a realidade social. Ambas se reflectem na atribuição de significados que a pessoa faz, de forma que ela tem sempre uma compreensão biográfica da dança: cada pessoa tem formulado o significado que a dança tem para si (SARAIVA-KUNZ, 2003, p. 107).

Desta forma, as ações desenvolvidas pelo projeto de extensão Contradança foram traçando caminhos e encontros com a diversidade. As reflexões realizadas indicam a riqueza e a importância dos momentos dançados e discutidos, como relata a professora B da Adevos, já que “possibilitou aos profissionais perceberem e se perceberem enquanto sujeito-corpo que dança”, bem como, proporcionou desafios: “Foi desafiador, em especial a oportunidade de se colocar no lugar do outro, respeitando-o” (professora D - APAE).

Em todos os encontros nos preocupamos em provocar reflexões que transcendessem a ideia de pensar a dança como um simples movimento mecânico, mas como fenômeno repleto de vida já que quem dança é sempre um corpo-sujeito com toda a implicação que há nisto. A realização de (re)leituras do que (re)conhecemos como corpo/movimento/dança trouxeram novas possibilidades, como aponta uma professora da Adevos: “Briguei com um certo “preconceito”. Entendi a experiência sem igual. Levo várias ideias, novas possibilidades para agir e interagir com meus alunos”.

Lançar outro olhar e olhar de forma diferente ao que acontece ao redor, no espaço que estamos inseridos, implica em abrir possibilidades para que a “beleza estranha” ou o incomum apareça aos olhos. Accreditamos que os encontros contribuíram para a construção de olhar(es) capaz(es) de perceber, ser tocado e sensibilizado pelo movimento próprio e do outro, da mesma forma pela dança que emerge dos diferentes corpos em movimento. Para uma professora da APAE esse projeto “mostrou novas possibilidades nas quais todos podem dançar”; e, principalmente fez perceber que para/na dança “não há limites e que é possível vencer barreiras. Algo comovente e ao mesmo tempo surpreendente, pois nota-se o quanto há superação da parte dos nossos educandos, pois apesar de todas as dificuldades, nos surpreendem a cada dança” (CAPP).



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

O resultado das intervenções reforçaram nossa crença de que a dança possibilita ao ser humano uma compreensão de mundo de maneira diferenciada, ou seja, é um aprendizado que se alcança através do saber-sentir e pelo se-movimentar. Enquanto arte vivida a dança provoca ao corpo-sujeito formação de um “ser” mais crítico, sensível, criativo e atuante na sociedade que o envolve, já que podemos entender que vivenciar a dança é um meio de buscar em si mesmo, através dos movimentos corporais, a plenitude da vida (ROCHA, 2008).

Entendendo a dança como espaço de respeito e manifestação da diversidade, como caminho para o encontro com outros corpos-sujeitos, podemos trilhar tempos e movimentos pela ação intencional e nos descobriremos enquanto sujeitos dançantes e atuantes no mundo. Podemos potencializar a dimensão denunciadora e crítica da dança, desenvolvendo a sensibilidade de quem a aprecia, de quem a produz e, principalmente, de quem a sente, indiferentemente da maneira de senti-la.

O que aprendemos com essas experiências é que todos necessitam do outro e que o outro tem papel fundamental na nossa constituição. As experiências que travamos com outros corpos inscrevem-se em nossos corpos, nos ensinam, nos alimentam. Constatamos que todos os participantes saíram alimentados de movimentos, de reflexões, de dúvidas e de estranhamentos. Acreditamos que este seja o desafio das ações extensionistas, o de promover articulações com a teoria e a prática, construindo diferentes saberes-fazeres. Para o projeto Contradança, a dança é o caminho para a promoção de encontros com o sensível, o vivido e o(s) sentido(s); a dança é o caminho para uma educação que tem como mote principal a constituição de sujeitos capazes de olhar e reconhecer no outro um pouco de si mesmo e, desta forma, compreender que a (in)diferença que diminui o outro, também acaba por diminuir o sujeito que olha, já que está incapaz de reconhecer e respeitar o outro em si.

Para finalizar recorreremos às reflexões de Porpino (2006, p. 138) argumentando que “a dança pode ser compreendida como educação capaz de permitir e despertar um sentido de beleza, que não se prende a padrões ou a dicotomias, mas que rejunta fragmentos e abre novos horizontes para uma vida que não negue a sua própria realidade paradoxal”... acrescentamos: a dança pode ser compreendida como uma educação capaz de nos sensibilizar para a beleza de todos os corpos, nas suas singularidades e potencialidades reconhecendo a beleza das inúmeras danças que nascem dessas corporeidades, reveladas e reveladoras do mundo do qual fazem parte. A dança é capaz de nos ensinar que as possibilidades humanas nascem daquilo que mais tememos: dos limites humanos.

REFERÊNCIAS

GALEFFI, D. A.. Educação estética com atitude sensível transdisciplinar: o aprender a ser o que se é propriamente. **Revista Em Aberto**, Brasília, v. 21, n.77 jun/2007, p. 97-111. Disponível em: <<http://www.emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/1168/1067>> Acesso: 16.09.2007.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

GAIO, R; GÓIS, A. A. F. Dança, Diversidade e Inclusão Social: sem limites para dançar! In: TOLOCKA, R. E; VERLENGIA, R. (orgs). **Dança e diversidade humana**. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

GONÇALVES, M. **Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação**. São Paulo: Papyrus, 1994.

KLEINUBING, N. D. Experiências em dança: possibilidades de transformação da imagem corporal do corposurdo. In: XAVIER, J; MEYER, S; TORRES, V. (orgs.). **Coleção Dança Cênica: pesquisas em dança: volume I**. Joinville: Letradágua, 2008.

KLEINUBING, N. D. et al. Projeto Contradança: a extensão universitária dialogando com a dança e a diversidade. In: SARAIVA, M. C.; KLEINUBING, N.D. (orgs). **Dança: diversidade, caminhos e encontros**. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

MELO NETO, J. F. Extensão universitária e produção do conhecimento. **Revista Conceitos**. Jan/Jun, 2003.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 2º edição. – São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PELLEGRIN, A. Ensino de dança: finalidades, necessidades e identidades. In: CAMPÊLO, R; RODRIGUES, E. (orgs.). **O ensino da dança no mundo contemporâneo: definições, possibilidades e experiências**. Goiânia: Kelps, 2011.

PORPINO, K.O. **Dança é educação: interfaces entre corporeidade e estética**. Natal: EDUFRRN, 2006.

ROCHA, D. **Caminhos e possibilidades: uma proposta de dança na perspectiva educacional para pessoas com deficiência visual**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Comunitária Regional de Chapecó, Curso de Educação Física, 2008.

ROSA, L. Uma experiência fenomenológica: o corpo que dança. In: XAVIER, J; MEYER, S; TORRES, V. (orgs). **Coleção dança cênica: pesquisas em dança. vol.1** Joinville: Letradágua, 2008.

SARAIVA, M. C. Educação Estética: o prólogo da dança-arte-educação. Uma leitura em Schiller, Adorno e Marcuse. In: SARAIVA, M.C.; KLEINUBING, N.D. (orgs). **Dança: diversidade, caminhos e encontros**. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

SARAIVA KUNZ, M. C. **Dança e gênero na escola**: formas de ser e viver mediadas pela educação estética. Tese de Doutorado em Motricidade Humana. Portugal, Universidade Técnica de Lisboa, 2003.

TEIXEIRA, L. **Conscientização do movimento**. In: Dança e Educação em Movimento, SP: Cortez, 2003.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 15 ed. São Paulo: Cortez, (coleção temas básicos de pesquisa-ação), 2007.

TREBELS, A.H. A concepção dialógica do movimento humano: uma teoria do “se-movimentar”. In: KUNZ, E.; TREBELS, A.H. (orgs.) **Educação Física crítico-emancipatória**: com uma perspectiva da pedagogia alemã do esporte. Ijuí: Unijuí, 2006.

Neusa Dendena Kleinubing
Rua Mário Romanini, 351-E Bairro Belvedere
CEP 89.810-413 Chapecó – SC
neusadk@unochapeco.edu.br

Deizi Domingues da Rocha
Avenida Atílio Fontana, 591-E, Bairro Efapi
CEP 89809-000 Chapecó-SC
deizirocha@unochapeco.edu.br